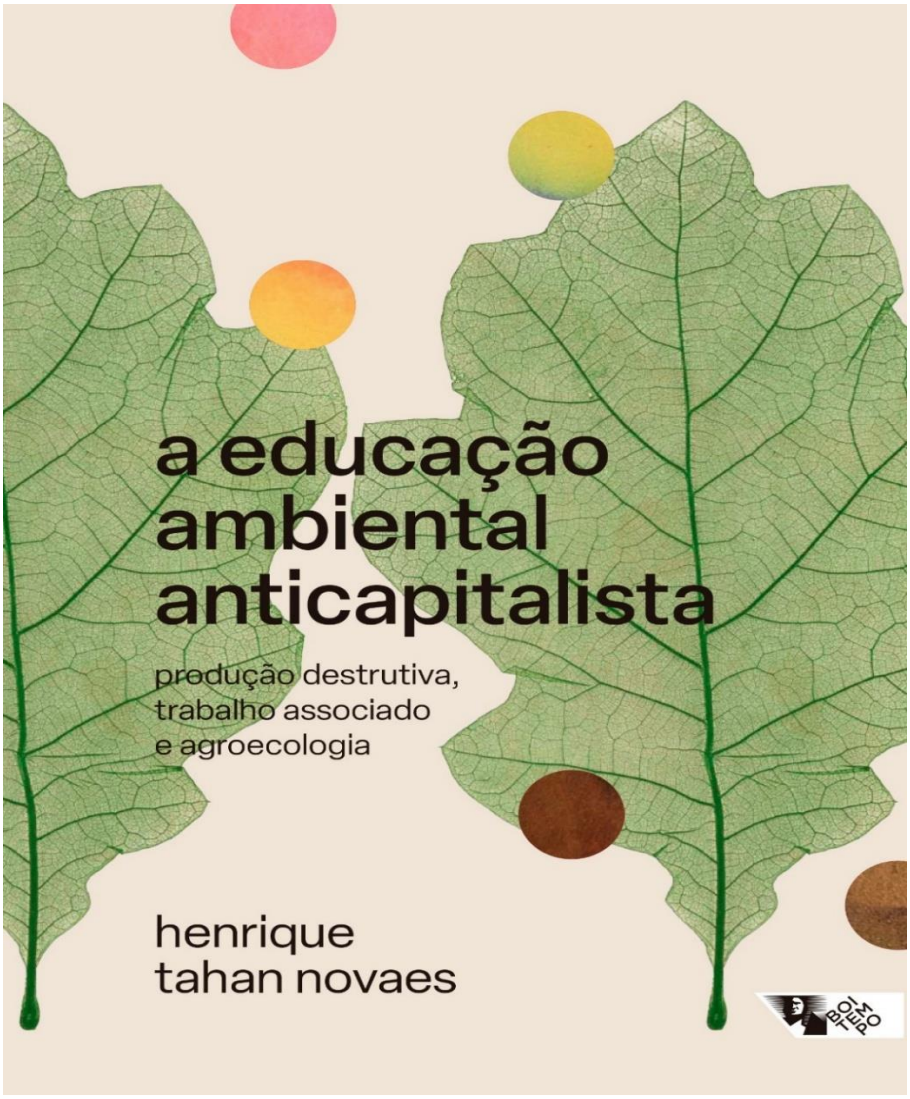
Trabalho necessário
V.24, nº 53 - 2026 (janeiro-abril) ISSN: 1808-799 X

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ANTICAPITALISTA: PRODUÇÃO DESTRUTIVA, TRABALHO ASSOCIADO E AGROECOLOGIA [HENRIQUE TAHAN NOVAES][1]

João Henrique Souza Pires[2]



[1] Resenha Recebida em 12/03/2026. Aprovado pelas editoras em 10/04/2026. Publicado em 22/06/2026. DOI: https://doi.org/10.22409/tn.v24i53.71166
[2] Doutor em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista - FFC/UNESP, campus Marília. Técnico da Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho-FUNDACENTRO. Email: souza.pires@unesp.br.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5053478227289473. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6274-3235.

Inúmeros estudos têm observado que, no mínimo desde os anos 1970, os eventos extremos têm se intensificado, como por exemplo, chuvas torrenciais, secas, tornados, processos de desertificação e contaminação dos rios, lençóis freáticos e solos pelos agrotóxicos, dentre outros.

O livro de Henrique Tahan Novaes “A educação ambiental anticapitalista: produção destrutiva, trabalho associado e agroecologia” traz novos elementos para o debate da “crise ambiental”, especialmente ao pensar as “alternativas radicais e abrangentes” (Mészáros, 2002) vinculadas às práticas agroecológicas e de produção associada.

O Professor Henrique Tahan Novaes vem se dedicando ao estudo da produção associada desde 1999, quando começou a estudar as fábricas recuperadas brasileiras ainda na graduação na UNESP Araraquara. Lembremos que as fábricas recuperadas são empresas ocupadas pelos trabalhadores que posteriormente passam a ser geridas democraticamente pelos mesmos, ainda que no mercado capitalista e diante do Estado capitalista.

No seu mestrado, Novaes estudou as fábricas recuperadas do Brasil, Argentina e Uruguai, trazendo elementos importantes sobre os limites e as possibilidades do trabalho associado num contexto de crise estrutural do capital.

O livro ora resenhado recupera parte do debate travado no seu doutorado, quando começou seus estudos sobre produção destrutiva e agroecologia. Diga-se de passagem, é nítida a enorme influência de István Mészáros nos livros de Novaes. De todos os marxistas, certamente este é o que mais influenciou seus livros e este que ora resenhamos não foge à regra.

O livro é uma composição de capítulos que orbitam em torno de 3 eixos comuns: 1) As escolas de agroecologia do MST, 2) O trabalho associado na forma de experiências práticas urbanas e rurais na América Latina 3) A teoria da produção associada e do ecossocialismo, ao recuperar o debate feito por Marx, Mészáros e autores como Michael Lowy, John Belamy Foster, Kohei Saito, com destaque para o pouco conhecido Mészáros “verde”.

O pano de fundo dos estudos de Novaes é a crise estrutural do capital na América Latina e no mundo. Apesar de não ser o foco de Novaes, os capítulos observam a crise econômica e civilizatória da América Latina que impulsionou a criação de cooperativas e associações de trabalhadores: a falsa redemocratização do

Brasil, a crise da sociedade salarial, as reformas neoliberais, etc. Novaes observa também a criação consciente de movimentos sociais como o MST, o debate do cooperativismo e associativismo travado neste movimento, as ações práticas decorrentes desta luta neste contexto específico.

É curioso que o debate ambiental não fazia parte das ações do MST nos anos 1980, ganha força nos anos 1990 e torna-se bandeira nos anos 2000, que inclusive compõe um processo mais amplo de crítica ao modelo educacional capitalista e a criação de escolas próprias do Movimento.

Para Novaes, as escolas de agroecologia do MST são exemplos práticos de "educação para além do capital" pois possuem professores próprios do MST, metodologias próprias e acima de tudo, objetivos de um movimento social anticapitalista. Nestas experiências, o Estado capitalista tem uma enorme dificuldade de determinar os fins da educação.

Num dos capítulos Novaes retoma um tema iniciado na sua dissertação de mestrado: a conversão das forças produtivas em forças destrutivas. Este debate é travado tendo como pano de fundo os relatórios da ONU para o aquecimento global e as contribuições recentes do marxismo para a questão ambiental. Como nos mostra Henrique Tahan Novaes, ainda há no marxismo uma hegemonia de uma visão prometeica do progresso técnico, mas ganham força cada vez mais correntes teóricas como a do ecossocialismo, que criticam aquelas correntes que resgatam o Marx que faz elogios a capacidade da burguesia de inventar novos produtos e inovar.

O livro não deixa de passar por temas secundários (não em termos de importância), mas justamente por fugir do escopo do livro. Um deles que merece ser citado são as ações das Associações, Institutos e Fundações do capital para a educação ambiental. O poder das ideologias (Mészáros) é observado por Novaes quando observa as ações de "harmonização" da sociedade de classes e o papel da escola na conformação dos indivíduos e naturalização da barbárie. Em outras palavras, para manter a ignorância ambiental e manter o "foco dos problemas ambientais na culpabilização do indivíduo" e nunca no Estado capitalista e muito menos nas corporações transnacionais.

Nas conclusões, Novaes esboça algumas tendências gerais para a agroecologia, para a produção associada e para a educação para além do capital. Num país como o Brasil, onde os ecossistemas foram destruídos pelo agronegócio, a

agroecologia poderá desempenhar um papel fundamental numa possível e necessária transição ecossocialista. Em países latino-americanos, onde as alternativas apresentadas pelos capitalistas só pioram a situação da classe trabalhadora (subemprego, informalidade, pejotização, etc.), para Novaes a produção associada pode ser chamada para combater as formas de exploração do trabalho, sejam as antigas ou as novas, em geral disfarçadas de “modernas”.

Em tempos de barbárie ambiental, de aprofundamento de guerras de baixa intensidade e média intensidade, recomendo a leitura do livro do Prof. Henrique Tahan Novaes.

Referência

NOVAES, H. T. **A educação ambiental anticapitalista:** produção destrutiva, trabalho associado e agroecologia. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2025.